

**MULHERES, TRABALHO E EDUCAÇÃO: ESCUTAS E VIVÊNCIAS DE
ESTUDANTES DA EJA-EPT DO IFSUL CÂMPUS VENÂNCIO AIRES¹**

**WOMEN, WORK AND EDUCATION: LISTENING AND EXPERIENCES OF EJA-
EPT STUDENTS FROM IFSUL VENÂNCIO AIRES CAMPUS**

Recebido em: 19/02/2025

Aceito em: 30/05/2025

Publicado em: 23/06/2025

Fabício Luis Haas² 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

Mariana Jantsch de Souza³ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

Resumo: Neste texto, partimos de nossa experiência pedagógica no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica de Jovens e Adultos (EJA-EPT) com três turmas compostas exclusivamente por mulheres para construir uma reflexão sobre gênero, trabalho e educação. Trata-se do curso Técnico em Secretariado no IFSul, câmpus Venâncio Aires-RS, nos períodos letivos de 2019 a 2024. A discussão e análise apresentadas partem de relatos dessas mulheres estudantes da EJA-EPT, nos quais propomos escutar as suas vivências no processo de escolarização. A seguinte pergunta orienta este trabalho: como é o percurso de escolarização tardia de mulheres socialmente vulneráveis? Para tanto, serão abordadas as especificidades desta modalidade de ensino e os aspectos sócio-culturais que permearam o percurso dessas mulheres estudantes. Este trabalho é entrelaçado a uma reflexão crítica acerca dessa vivência profissional e de seus ecos para a construção de um olhar docente mais humano e humanizador. Estas experiências trouxeram oportunidade de aliar conhecimentos teóricos à prática profissional docente, consolidando um olhar mais crítico sobre os papéis sociais que as sociedades patriarcais, tradicionalmente, atribuem às mulheres.

Palavras-chave: Gênero, Trabalho, Educação; Docência; EJA-EPT.

Abstract: In this text, we draw on our pedagogical experience in the field of Professional and Technological Education for Young People and Adults (EJA-EPT) with three classes composed exclusively of women to build a reflection on gender, work, and education. This is the Technical Course in Secretarial Studies at IFSul, Venâncio Aires-RS campus, from 2019 to 2024. The discussion and analysis presented here are based on reports from these female students of EJA-EPT, in which we propose to listen to their experiences in the schooling process. The following question guides this work: what is the late schooling path of socially vulnerable women like? To this end, the specificities of this teaching modality and the socio-cultural aspects that permeated the path of these female students will be addressed. This work is intertwined with a critical reflection on this professional experience and its echoes for the construction of a more humane and humanizing teaching perspective. These experiences provided an opportunity to combine theoretical knowledge with professional teaching practice, consolidating a more critical view of the social roles that patriarchal societies traditionally attribute to women.

Keywords: Gender, Work, Education; Teaching; EJA-EPT.

¹ Uma versão inicial deste texto foi apresentada no X Encontro Humanístico Multidisciplinar e IX Congresso Latino Americano em Estudos Humanísticos Multidisciplinares, em dezembro de 2024, sendo publicada nos respectivos anais sob a forma de resumo expandido.

² Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Brasil, Rio Grande do Sul, Venâncio Aires. E-mail: fabriciohaas@ifsul.edu.br.

³ Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Brasil, Rio Grande do Sul, Venâncio Aires. E-mail: marianasouza@ifsul.edu.br.

INTRODUÇÃO - EJA-EPT: PESQUISA ENTRELACADA À PRÁTICA DOCENTE

Muitos pesquisadores e pesquisadoras debruçam-se em análises sobre as mais diversas etapas da educação escolarizada. Alguns/mas estudam a Educação Infantil, concentrando-se em entender as diversas fases de aprendizagem das crianças, principalmente tendo como pano de fundo as profundas mudanças que têm ocorrido em termos técnicos e tecnológicos. Ainda dentro desse campo, há pesquisadores/as que estudam as dificuldades de alfabetização e as diversas estratégias envolvidas no letramento e mergulho no mundo lúdico dos conhecimentos. Há outros que se dedicam a compreender os desafios pertinentes ao Ensino Médio, ao nível superior e também às pós-graduações. A educação, como um campo de estudos, é vasta e complexa.

Nos últimos anos, nossos interesses de pesquisa concentram-se na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no âmbito da Educação Profissional e Técnica (EPT), conforme Haas e Souza (2023) e Souza e Haas (2022 e 2023), em investigações e reflexões que se originam de nossa atuação como docentes no curso Técnico em Secretariado do IF Sul Campus Venâncio Aires. Na presente proposta, com vistas a construir uma análise reflexiva, apresentamos o “estado das artes” do curso, sua procura, o perfil dos/as estudantes e a situação apresentada nos últimos anos, para (re)pensar o curso na conjuntura social atual.

O dilema central de equilibrar o trabalho com a jornada de estudos, que sempre acompanhou os/as trabalhadores/as da EJA, ficou ainda mais evidente nos últimos anos. Assim, nesta reflexão buscamos problematizar os eixos que dão título ao presente texto: gênero, trabalho e educação. A partir da escuta de depoimentos das próprias estudantes e com o olhar sensível às desigualdades sociais e suas interseccionalidades, que atravessam essa modalidade de ensino, buscamos refletir sobre nossa experiência docente e a escolarização tardia de mulheres de classes sociais vulneráveis. Em razão disso, a questão que guia nosso exercício crítico-reflexivo é: como é o percurso de escolarização tardia de mulheres de classes sociais vulneráveis? Para responder a esse questionamento, nossas reflexões perpassam aspectos relacionados ao acesso e exercício de direitos, às questões do mundo do trabalho, às questões de classe, étnicas e de gênero que permeiam as relações sociais e afetam os modos de ser e estar no mundo em relação às estudantes do curso de Secretariado modalidade EJA, no IF Sul, câmpus Venâncio Aires.

MULHERES, GÊNERO E PODER

Dentre a gama de diversos enclaves educacionais, nosso interesse está, atualmente, nas oportunidades, expectativas, desafios e experiências associadas à EJA no processo de escolarização de mulheres trabalhadoras, bem como o atravessamento de diferentes interseccionalidades. Nos últimos anos, em nossos textos, tratamos de temas que consideramos importantes: a) a adoção de ensino remoto em tempos de pandemia; b) as consequências do pós-pandemia para a EJA-EPT; c) as mudanças efetivadas no curso, adequando-o a um mundo pós-pandêmico; d) as dificuldades enfrentadas pelos/as trabalhadores/as que, após um dia inteiro de trabalho, ainda têm um turno de estudos pela frente. Foi este percurso crítico-reflexivo que nos trouxe à presente empreitada e nos motivou a problematizar os eixos gênero, trabalho e educação.

Agora, direcionamos nossos olhares para um outro tema que se mostrou muito relevante, de modo transversal, em nossas pesquisas e estudos: as articulações imbricadas entre educação, gênero e mulheres. De imediato, queremos destacar que, do ponto de vista teórico, gênero não significa - ainda que existam muitas correntes teóricas divergentes – estudos específicos sobre as mulheres. Historicamente, no entanto, em virtude do caráter altamente patriarcal das sociedades e também em função das lutas implementadas pelos movimentos sociais, entre eles, o movimento feminista, é muito recorrente que os/as pesquisadores/as que estudam o campo das relações de gênero, dediquem-se primordialmente aos estudos sobre as mulheres.

Consideramos crucial realizarmos um duplo movimento para a exposição de nossa condição enquanto docentes e pesquisadores/as. Acreditamos que é impossível dissociar nossa atuação como professores/as dos nossos olhares como pesquisadores/as. Isso pode até parecer óbvio, mas até o óbvio precisa ser dito e reafirmado. No dia a dia da sala de aula, procuramos desenvolver nosso trabalho docente, criando estratégias de ensino e aprendizagem, mas também observando a realidade social em que nossos/as estudantes estão inseridos/as. Não há como separar conteúdos, conceitos e a formação teórica que nos habita, das vivências observadas na sala de aula. Isso vai ao encontro do que dizem as autoras abaixo:

Nossas interrogações e as pesquisas que elas instituem nos desafiam, do mesmo modo, a embarcar em viagens que podem nos colocar em contato com mundos e realidades que podem ser, ao mesmo tempo, diferentes e próximas das nossas e, outras vezes, borrar, completamente, aquilo que aprendemos, até então, a conhecer, pensar, dizer e viver (Meyer; Soares, 2005, p. 31).

Ao atuarmos num Curso Técnico em Secretariado de EJA-EPT, tomamos contato com realidades sociais que podem estar mais ou menos próximas do nosso cotidiano. Somos

indivíduos atravessados/as pelo viés etário, de classe social, gênero e etnia, nos possibilitando vivências e acessos que podem ser muito diferentes daquelas pessoas que estão conosco em cada aula. Acreditamos ser fundamental manter esse olhar atento, o tempo todo. Tanto para uma direção, quanto outra: sem nos enredarmos num paternalismo conivente ou num vitimismo que nada acrescenta à autonomia dos indivíduos educandos/as, bem como evitar comparações cognitivo-educacionais que não consideram o contexto histórico, cultural e social das pessoas que estudam na Educação de Jovens e Adultos. Com isso, reforçamos a necessidade de manter o olhar atento às interseccionalidades e uma prática docente nessa mesma direção.

Em razão deste olhar, destacamos outro aspecto que merece nossa atenção: o uso do plural no emprego do termo mulheres no título deste texto e ao longo do desenvolvimento dessas reflexões. Com amparo no aporte teórico mobilizado para a construção dessas reflexões, decidimos empregar o termo no plural como uma forma de sinalizar, a partir da gramática da língua, a diversidade, a heterogeneidade que perpassa essa categoria social e, de igual modo, as nossas turmas de EJA-EPT. A condição da mulher em nossa sociedade resulta de um emaranhado de intersecções entre marcadores sociais, conforme já destacamos, em especial, os fatores sociais atinentes à classe e etnia.

Ao longo de nossa pesquisa destacamos, com muita ênfase, a importância das relações sociais de produção e de reprodução social e o quanto estas são determinadas pelo modo de produção dominante. Mesmo assim, atentando para os estudos e reflexões realizadas nas últimas décadas, entendemos que não é possível atrelar as diferenças entre homens e mulheres trabalhadoras/es apenas como um reflexo das relações econômicas. As autoras Bezerra, Corteletti e Araújo (2020) apontam a necessidade de se levar em consideração as condições econômicas, mas vão além e adicionam a este debate o conceito de gênero como categoria analítica, principalmente a partir dos estudos realizados pela historiadora Joan Scott (1995):

Dentro desse debate, surge o conceito de gênero enquanto categoria analítica para tratar dessa construção desigual das relações entre homens e mulheres. Proposto, inicialmente, pela historiadora Joan Scott (1995), a definição de gênero recebeu contribuições de muitas teóricas e possibilitou uma renovação da teoria crítica feminista. Conforme definido por Scott, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e é uma forma primeira de significar as relações de poder (Scott, 1995) (Bezerra; Corteletti; Araújo, 2020, p. 5).

Ainda sobre os estudos de gênero, quando focamos nossos olhares nas mulheres estudantes da EJA-EPT, não podemos resumir nossas análises somente à coletividade feminina.

Os homens que fazem parte das relações sociais destas mulheres, sejam eles patrões, maridos ou filhos também são responsáveis pela reprodução das desigualdades de gênero. Nossa análise fica potencializada quando a fazemos considerando as mulheres dentro de seus contextos sociais. Mesmo que existam muitos maridos atenciosos e compreensivos com o fato de suas esposas estarem fora de casa na maioria das noites da semana, nem todos têm essa conduta. Há chefes que exigem que suas trabalhadoras fiquem até mais tarde no trabalho; há maridos ciumentos e/ou machistas que não ficam satisfeitos em ver suas esposas estudando e ampliando seus horizontes. Há filhos, mesmo com idade o bastante para darem conta de tarefas domésticas, que fazem questão de deixar bem visível a sua insatisfação em não ter suas mães em casa.

Mesmo que o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” de Joan Scott (1995) tenha sido publicado originalmente no final dos anos de 1980 e traduzido para o português na metade dos anos de 1990, ainda hoje ele ecoa fortemente na literatura acadêmica, nos ajudando a entender as complexas relações que envolvem o gênero enquanto potente categoria analítica. E mais: a autora amplia a nossa compreensão sobre os múltiplos espaços e processos de exclusão das mulheres de esferas públicas. Dito de outra forma: não são só as relações de trabalho e as relações produtivas que produzem desigualdades entre homens e mulheres. Como dito acima: em casa, no ambiente privado, as mulheres também sofrem com maridos e filhos que demandam de sua atenção e de seu tempo. As reflexões de Scott (1995) são densas, complexas e navegam por diversas áreas do conhecimento, apresentando argumentos que dialogam com a psicanálise, a história, a filosofia e a sociologia, ampliando o debate. No âmbito de sua complexa definição do conceito de gênero, vamos pinçar uma citação que consideramos mais adequada aos nossos interesses de pesquisa, especialmente no ponto em que articula gênero com relações de poder:

A teorização de gênero, entretanto, é desenvolvida em minha segunda proposição: o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado [...] o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (Scott, 1995, p. 88).

Ainda que nossos esforços não estejam direcionados em nos aprofundarmos neste interessante e produtivo debate sobre as diversas correntes teóricas que perpassam as definições do conceito de gênero, ressaltamos que é este horizonte de discussões teóricas que embasa nosso olhar e sustenta nossas análises dos relatos das estudantes. Neste contexto, amparamo-nos em Scott para evidenciar as relações de poder que produzem as desigualdades de gênero,

sendo que a autora parte da definição de poder de Michel Foucault que lhe parece mais adequada em termos teóricos e políticos. Os contornos e problematizações envolvidas nesses estudos e debates teóricos não serão exauridos nestes nossos rápidos apontamentos. Para os nossos interesses específicos e sem a intenção de nos aprofundarmos demais nos estudos foucaultianos, apresentamos uma passagem do texto “Governamentalidade”, publicada na obra “Microfísica do Poder”, na qual é apresentada uma fundamental dimensão de sua definição do conceito de poder:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (Foucault, 1979, p. 8).

Estas reflexões sobre mulheres de classes sociais vulneráveis, em processo de escolarização tardia, mobilizam considerações teóricas sobre gênero por compreendermos que a posição social da mulher, bem como as relações sociais vivenciadas pelas mulheres, são decorrentes das desigualdades sociais que se originam e amplificam a partir das desigualdades de gênero. Ou seja, do modo como, social e culturalmente, as relações entre homens e mulheres estão organizadas. As questões sobre a mulher, centrais nessa discussão, são como são em função das relações de gênero, da dinâmica das relações sociais entre homens e mulheres, imbricadas em processos sociais de diferenciação e hierarquização, tal como explica Juteau (2009). Essa dinâmica é marcada pela dominação masculina que pauta a aquisição da masculinidade e feminilidade, as quais “designam as características e qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres” (Molinier; Welzer-Lang, 2009, p. 101). Assim, a partir do foco em turmas de EJA-EPT composta exclusivamente por mulheres, partimos do conceito teórico de gênero para trazer para a discussão as relações de poder entre homens e mulheres em sociedade, uma vez que são essas relações que fazem com que a situação social das nossas estudantes seja mais complexa e o seu percurso estudantil dificultado pelo atravessamento das dinâmicas sociais da dominação masculina. No caso específico de nossa experiência no Curso de Secretariado, esse plural remete à diversidade concreta de nossas estudantes: uma parcela considerável tem origem em classes sociais vulneráveis; a existência de diversidade etária e étnica; a presença de mães solo, entre outras características.

Diante do exposto, ressaltamos que estamos tomando o termo gênero como um construto social que se refere à aquisição da masculinidade e da feminilidade (Juteau, 2009).

Ou seja, o termo “designa o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual e biológica [...] tem a vantagem prática de nos permitir falar tanto sobre mulheres quanto sobre homens” (Funck, 1994, p. 20). Quando tratamos de gênero nessas reflexões, nos referimos à construção sócio-histórica de determinado padrão masculino e feminino de comportamentos, perpassado pela dominação do primeiro sobre o segundo. Por isso, trata-se de uma questão de poder e de (des)igualdade. Decorre daí a imposição de um certo espaço, função e papel social como próprios (e naturais) para o masculino e para o feminino, delimitados de forma restritiva e, por vezes, coercitiva para as mulheres.

Nas próximas seções deste artigo, apresentamos os relatos das estudantes e buscamos promover uma tensão teórica e analítica a partir dos mesmos. Sabedores da complexidade que esse campo teórico possui e, também, dos limites analíticos desse texto, não temos a pretensão de exaurir a discussão. Nossa ideia é construir importantes reflexões que nos permitam, futuramente, novas incursões e produções textuais que mergulhem mais profundamente nos debates contemporâneos sobre as relações de gênero no mundo do trabalho e da educação, sempre partindo de nossas práticas docentes.

ESCUTAS E VIVÊNCIAS DAS ESTUDANTES DA EJA-EPT DO IFSUL CÂMPUS VENÂNCIO AIRES

No ano letivo de 2024, com o fim de reunir material para a presente pesquisa, foi realizada uma atividade de escuta na aula da área de Ciências Humanas, na disciplina de Sociologia, em que as estudantes do 1º ano do Curso Técnico em Secretariado, de modo anônimo, relataram seu cotidiano de trabalho e a dificuldade em conciliar estudo, trabalho e família.

O enunciado que orientou a produção escrita das estudantes foi: *esta é uma atividade onde não vai aparecer seu nome. Responda com a certeza de que o importante aqui são as suas informações (não coloque seu nome). O objetivo dessa atividade é conhecer melhor os desafios que você vive no seu dia a dia. Você pode relatar suas atividades de trabalho (do atual ou de outro anterior, caso não esteja – nesse momento – empregada). Procure destacar as atividades que você realiza, quais as suas responsabilidades, quais os desafios e os problemas que julga enfrentar no seu cotidiano e que são dificuldades (problemas) para você estudar. Escreva LIVREMENTE.*

Após a leitura desse enunciado, as estudantes produziram os seguintes relatos, os quais apresentamos a seguir com destaques para as palavras relacionadas aos eixos centrais da presente pesquisa (educação, gênero e trabalho):

Estudante A: Trabalho dez horas por dia sem horário para almoço ou descanso. Sou a única funcionária e cuido tanto da loja na qual **trabalho**, quanto das redes sociais. Sou atendente, caixa, a menina do marketing, que limpa e repõe toda a mercadoria. Largo meia hora antes da aula começar. Tenho que sair correndo, atravessar a cidade, comer e chegar a tempo em 30 minutos. Isso é muito cansativo, pois após a escola, atravesso a cidade, chego tarde em casa e, além de me cuidar, tomar banho, preparar as coisas para o outro dia, fazer algo para comer, e – às vezes – lavar roupa, quando vou descansar, já passou da meia noite. Enfim, estou na luta comigo mesma para continuar e não desistir, pois **trabalho** aos sábados e no domingo só me resta fazer as tarefas de casa e dar um pouco de atenção ao meu namorado.

Estudante B: Vou falar um pouco do meu dia a dia. Eu tenho um pouco de dificuldade em algumas tarefas domésticas, por conta de usar uma prótese: não consigo dobrar minha perna. Mas nunca deixei de fazer algo por conta disso. Hoje estou com um probleminha com a minha perna, por isso não consigo vir de topic para as aulas como de costume. Então estou vindo de carro e me desloco com minha cadeira de rodas, com a ajuda de meu **marido**. Mas aqui no colégio tenho toda a assistência dos colegas, professores e colaboradores. Sou muito grata por toda essa ajuda. Por conta de ter dificuldades financeiras **familiares**, quando fiz 14 anos, tive que parar de estudar para ajudar com as rendas em casa. Depois de 35 anos, tive que voltar à sala de aula, para voltar ao mercado de **trabalho**.

Estudante C: Hoje sou dona de casa, mas trabalhei doze safras na XX [empresa do ramo fumageiro]. Saí de lá em 2010 e fui para a Y [empresa do ramo metal-mecânico]. Trabalhei lá até 2011, quando torci meu punho, tive uma fratura e o osso não colou. Descobriram que era um tumor. Desde então estou encostada já faz 14 anos e agora o INSS me colocou em reabilitação, mas como eu só tive a 5 série, eles me mandaram estudar de novo. Fiz o fundamental no ano passado no colégio X e neste ano vim ao IFSUL. Estou me esforçando, mas tenho 48 anos e estive muito tempo fora do colégio. Morávamos no interior, tenho doze irmãos, a **família** era grande e humilde, não podia estudar porque tinha que ir na roça. Aprendemos só a trabalhar e não a estudar. Hoje não entra mais nada na minha cabeça. Presto atenção na aula, mas no outro dia já esqueci. Meu **marido** tem que fazer a janta sozinho porque meus **filhos** trabalham. Meu **marido** sempre reclama que não tem a companhia da esposa. É uma escolha: ou venho no colégio ou fico sem salário no final do mês.

Estudante D: Minha maior dificuldade é o **cansaço**. Mas daí respiro fundo e sigo em frente. Tem a dificuldade com a TOPIC, mas graças a deus consegui uma que não tenho problemas. Tenho problemas **familiares**: **marido** doente que eu não saberia como deixá-lo. Eu estava me programando para contratar alguém para ficar cuidando dele. Mas hoje ele está melhor. Atualmente estou morando na casa de minha filha, **cuidando** dela e dos quatro **filhos**, pois se separou e está frágil. Estou me revezando na casa dela e na minha e, em muitas vezes, preciso socorrer o **filho**. Mas estou bem e não abro mão dos meus sonhos, pois já esperei tempo demais e fiquei para trás. Agora, no momento, vivo o secretariado e mais tarde, a pedagogia. E não poderia deixar de lembrar dos pequenos que cuido, pois quero ser professora especializada em turmas de primeira a quarta série, com direito a pós-graduação e doutorado. Perdi muito tempo no mundo, quando jovem não pude estudar. Minha mãe não conseguia dar estudo para todos, daí saí para minha irmã estudar. Chorei muito, mas tive que parar na quinta série. Mas hoje estou aqui com cinquenta e seis anos e quero me formar. Pois achei uma instituição que te ajuda a estudar e quero passar com mérito.

Pois era uma pessoa frustrada e você vai ler e até pode achar bobagem o que vou escrever, mas creio de todo o meu coração: deus ainda realiza sonhos.

Estudante E: Uma das maiores dificuldades enfrentadas é a falta de **transporte** no período da noite. Ao sair, preciso deixar o almoço para meu **filho** levar no dia seguinte para o **trabalho**. Atualmente estou desempregada, pago o valor de R\$ 650,00 da parcela do apartamento, internet, condomínio, água, luz e enfrento grande dificuldade devido a falta de trabalho. Acho que as minhas dificuldades são as de muitos outros alunos, principalmente a falta de **transporte**. Para poder ganhar uma renda, faço massagens, doces para vender, faço faxinas quando tem e conto com a ajuda de meu filho que trabalha como diarista. Agradeço por ter a chance de estudar e poder terminar meus estudos, pois parei de estudar na 4ª série. Devido ao EJA e ao PROEJA, gratidão por me darem a chance de retomar e assim correr atrás dos meus sonhos. Faço curso de Técnico em Enfermagem também e quero chegar muito além disso. Então o Proeja foi a melhor forma de retomar os estudos. Muita gratidão a vocês do Proeja.

Estudante F: Não tenho grandes dificuldades para estudar, mas acho que o **transporte** é uma grande dificuldade para muitas pessoas. Eu mesma, se não tivesse carro, não teria como vir, pois é muito difícil conseguir uma TOPIC que passe no meu bairro. **Trabalho** como serviços de limpeza em supermercado e **acordo muito cedo**. Talvez se fosse possível ter as sextas-feiras livres, seria muito bom. Começo no meu **trabalho** às 5:00h da manhã, faço toda a limpeza do supermercado, o café da manhã e o almoço dos funcionários. Termino meu turno às 15:00h e daí tenho a minha casa para atender e tenho que pegar meu **neto** no colégio às 17:00h. Como podem ver, meu dia é corrido. Quando crianças, morava no interior e era bem difícil vir para a cidade para estudar. Então parei na 5ª série, só retornando depois de adulta para um EJA para concluir o ensino fundamental. Eu já iniciei uma vez o Técnico em Secretariado e tive de parar por problemas de saúde. Agora decidi voltar e não pretendo mais desistir. Porém, como completei o fundamental em EJA, ainda tenho muito atraso nos conteúdos.

Quando lemos os relatos das estudantes, ficam muito nítidos os desafios que estão presentes em cada situação cotidiana, que envolvem esferas importantes da vida dessas mulheres: o trabalho, a família e o impacto dessa rotina em suas oportunidades e experiências educacionais. Dito de outra forma, reconhecemos, rapidamente, que o dia a dia dessas trabalhadoras exige delas foco e dedicação às esferas que, geralmente, são primordiais: o trabalho e a família. É de nosso entendimento que essas esferas primordiais não são uma exclusividade do mundo das mulheres, pois os homens também têm suas vidas marcadas por essas duas dimensões. O que ressaltamos aqui é o fato de que estes campos fundamentais da existência humana não atingem homens e mulheres da mesma forma. Conforme os relatos, muitas vezes, para as mulheres, essas prioridades se impõem de maneira absoluta sobre outras atividades, prejudicando-as ou inviabilizando-as. E é neste ponto da caminhada dessas mulheres que os estudos escolarizados ficam inviabilizados.

Nesse sentido, também podemos mencionar um trecho do discurso da estudante oradora na formatura do Curso de Secretariado no ano de 2022:

Começamos com uma turma de 28 pessoas e por muitos motivos, **uns foram ficando no meio do caminho. Mas não por vontade e sim por doença, filhos pequenos, emprego, deslocamento e na maioria das vezes por seus maridos não acreditarem que esposas ou namoradas fiquem até tarde.** Enfim, é triste, mas uma realidade (grifos nossos).

Na formatura, a estudante destacou o quanto as questões relacionadas ao gênero e ao trabalho foram, para muitas estudantes, um entrave insuperável que inviabilizou a continuação dos estudos. Percebemos, com isso, que mulheres vivenciam as relações entre trabalho e família de forma intensa a ponto de, por vezes, tornar-se difícil conciliar essas esferas de atuação. A educação de jovens e adultos mostra-se como um espaço em que essas dinâmicas de gênero podem ser percebidas de forma mais explícita: são, geralmente, as mulheres que precisam deixar o trabalho ou os estudos para assumir tarefas familiares, tais como cuidar de filhos, parentes enfermos ou do cotidiano doméstico.

Há pontos que se repetem nos depoimentos das estudantes. Mesmo que elas tenham algumas diferenças em suas trajetórias de vida, notamos muitas semelhanças nas dificuldades por elas relatadas. É importante ressaltarmos isso, uma vez que mesmo que partamos da ideia de que suas trajetórias são individuais, marcadas por características como idade, estado civil, classe social, etnia e origem (rural ou urbana), a recorrência de dificuldades que estão presentes nos relatos de todas nos dá a ideia de desafios coletivizados. Ou seja, são pontos que afetam a todas elas em sua inserção escolar e na continuidade dos seus estudos. Tratar das profundas e complexas condições sociais e econômicas, vividas pelos indivíduos na sociedade brasileira contemporânea, extrapola os limites analíticos deste artigo. Sabemos que nosso foco está em conhecer melhor a realidade vivida pelas estudantes e alguns dos motivos que dificultam seu acesso à educação. Portanto, de posse dessa premissa, vamos pontuar as dificuldades que são recorrentes, tentando apresentar um cenário que mostre o quão desafiadora é a tarefa dessas mulheres em seus estudos e formação educacional e profissional.

TRABALHO, FAMÍLIA E TRANSPORTE

Nossa intenção, nesta parte do texto, é aprofundar a análise dos relatos para tratar com mais atenção do que - de passagem - apontamos no final da seção anterior: as dificuldades recorrentes que as estudantes expuseram em suas escritas. Basta ler cada escrita para logo notar que alguns pontos são muito semelhantes, os quais dão título a esta seção. Buscamos, nestas reflexões, problematizar estes aspectos com a colaboração de outros/as autores/as que também

pesquisam campos de estudo que articulam desigualdades sociais, de gênero e o impacto disso nas vidas das mulheres.

Em primeiro lugar, não por ordem de importância, constatamos a forte recorrência dos aspectos ligados com o mundo do trabalho. Nos relatos das estudantes nota-se a importância, por óbvio, dos desafios que a jornada de trabalho acrescenta aos desafios do estudo escolarizado tardio. Muitas dessas mulheres acordam muito cedo e realizam inúmeras atividades ao longo do dia. Aqui, quando destacamos o tema trabalho, chamamos a atenção para a associação quase exclusiva aos termos emprego e renda no imaginário social, restringindo esta ampla esfera de ação humana que é o trabalho. Como está dito nos relatos, em muitas situações essas estudantes realizam outras formas de trabalho, em especial, o doméstico e o de cuidado, que as sobrecarrega em termos físicos, psicológicos e emocionais. Assim, além do trabalho produtivo que realizam nas empresas, no comércio e em outros locais, elas também são responsáveis por outras atividades que podem, em última instância, acarretar dificuldades para o comparecimento às aulas, o envolvimento com os estudos e - inclusive - tempo em casa para a realização de atividades de reforço, complementação e/ou fixação.

Estas atividades domésticas e de cuidado, restritas à esfera privada, configuram o chamado trabalho reprodutivo no âmbito das discussões marxistas sobre trabalho e mais valia, em um debate promovido pelo campo feminista ao dedicar atenção à divisão sexual do trabalho. Trata-se do trabalho que garante a reprodução das condições de produção do trabalho produtivo: o trabalho doméstico garante que o trabalho assalariado se realize e se mantenha em pleno funcionamento (Cf. Federici, 2021). A improdutividade (ausência de renda) deste trabalho impõe às mulheres a dependência econômica, uma da força motriz que gera um efeito em cascata no processo de desigualdade de gênero.

Em segundo lugar, temos o componente familiar, que está profundamente associado com o ponto anteriormente citado, pois o aparecimento do termo família, desdobrado nas variações de filhos e marido/namorado, ocupa as atenções dessas mulheres que estão frequentando o curso noturno de Técnico em Secretariado. Nota-se, claramente, que o motivo “família” é apontado em muitas ocasiões ao longo do ano letivo como explicação para a ausência nas aulas. Por um lado, como já citamos em outros textos, os maridos não apreciam muito que suas esposas e companheiras estejam em outro espaço no período da noite, ainda que este seja o espaço educacional. Percebe-se que a família demanda atenção, ainda que essa atenção - muitas vezes - esteja ligada com o preparo de refeições, o banho nas crianças, o cuidado com o marido, o cuidado com parentes doentes e/ou outras atividades domésticas.

Percebemos, com isso, que o termos família e trabalho também se entrelaçam no percurso dessas mulheres e, por vezes, se confundem quando estamos atentos ao conceito de trabalho reprodutivo. Esta noção emerge especialmente quando pensamos na jornada dupla ou tripla das mulheres em geral:

Ainda em relação à divisão sexual do trabalho, verificamos que as mulheres continuam tendo que se desdobrar significativamente para dar conta da dupla jornada de trabalho, pois a responsabilidade com as atividades domésticas e cuidados com os (as) filhos (as) continua em suas mãos, confirmando estudos recentes realizados pelo IBGE (Bezerra; Corteletti; Araújo, 2020, p. 17).

Nesta pesquisa recente, as autoras abordam um tema que vem ao encontro dos nossos debates e reflexões: as relações de trabalho e desigualdades de gênero na indústria têxtil e de confecções do nordeste. Nosso foco principal de análise está na compreensão do quanto a vivência escolar é afetada por todas as incumbências pelas quais as mulheres são responsáveis, ou seja, pelas questões de trabalho em sentido amplo (produtivo e reprodutivo). No caso do artigo das autoras, o foco de suas análises está direcionado para o mundo do trabalho e suas relações com a casa e a família dessas trabalhadoras. Seja na escola ou no trabalho, as mulheres continuam tendo que conciliar o trabalho produtivo com as atividades domésticas e os cuidados com sua família.

Por último, mas não menos importante, é preciso abordar a questão do transporte, do modo como as estudantes acessam o campus do IFsul em Venâncio Aires. Este tema, pois, aparece nos relatos das estudantes, uma vez que, na maioria dos casos, elas residem em bairros que ficam localizados do outro lado da cidade, acarretando um deslocamento que pode ter a duração de quase uma hora. Como as aulas são no período da noite, o transporte público não oferece a possibilidade de horários que cubram o início e o final das aulas. Mesmo que houvesse a disponibilidade destes horários de ônibus, as estudantes partem de diferentes locais, às vezes nem conseguem retornar para suas casas após o trabalho e antes de se direcionarem diretamente ao campus.

Essa é uma realidade muito frequente para quem estuda à noite e o modo mais utilizado de transporte acaba sendo a contratação de transporte privado, usualmente chamadas de “topics”. Ainda que a educação oferecida pelo IFsul seja gratuita, o custo do transporte acaba pesando no orçamento das estudantes. Acreditamos ser importante reforçar que este custo relacionado ao transporte é, historicamente, um dos principais fatores responsáveis pela ausência de muitas nas aulas ao longo do ano letivo e, por vezes, resulta na desistência do curso.

Ao longo desses anos de docência na EJA-EPT, vivenciamos muitas situações em que, em virtude de estar com pagamentos do transporte em aberto, as estudantes eram comunicadas do interrompimento do serviço. Mesmo que saibamos que há programas de assistência estudantil, muito precarizados nos últimos anos, as estudantes acabavam usando recursos destinados ao pagamento do seu deslocamento para fins relacionados à sua manutenção e subsistência, tais como alimentação, aluguel, remédios, por exemplo.

Os/as servidores/as que atuam na EJA têm constatado, ao longo da última década, um agravamento da situação econômica associada ao desemprego. Verificamos inúmeros casos de estudantes que perdiam o emprego ao longo do curso e isso trazia sérios prejuízos à frequência e à aprendizagem. Manter uma constância de participação nas aulas, ter acesso às explicações individualizadas e presenciais, ter a possibilidade de dirimir dúvidas muito comuns em estudantes que tiveram uma trajetória educacional instável e, em muitos casos, precária, é algo primordial nessa modalidade de ensino. Por este motivo, aspectos relacionados com o trabalho, a família e o transporte acabam acarretando uma série de prejuízos ao processo de ensino aprendizagem do curso. Em muitas situações, a jornada de trabalho ser estendida até grande parte da noite, pressionava as estudantes a optarem em dar preferência para a renda obtida com seu trabalho, pois o que estava em jogo era justamente a sobrevivência derivada do emprego. Mais uma vez, recorremos à perspicaz constatação das autoras Bezerra, Corteletti e Araújo sobre as longas jornadas de trabalho: “Além disso, o fato de o trabalho ser remunerado por produtividade faz com que elas acabem intensificando suas jornadas de trabalho, a qual, em alguns casos, chega a 14 e 16 horas diárias e até 18 horas diárias se somadas às atividades domésticas” (2020, p. 17).

As autoras referem-se à realidade de suas pesquisas, nas confecções nordestinas. Mas podemos afirmar que, em diversas ocasiões, as realidades das mulheres trabalhadores de confecções nordestinas se assemelham às realidades das mulheres trabalhadoras gaúchas. Essa lógica que as obriga a ficar trabalhando ao invés de se direcionarem para a escola também ocorre quando existe a necessidade de cuidados com a família, sendo em situações de doenças ou quando há filhos/as de tenra idade que requerem cuidados e essa responsabilidade recai exclusivamente sobre os ombros das mães.

Somos educadores/as, somos docentes que têm uma preocupação com o conhecimento, com os conteúdos, as habilidades e as competências que nossos/as estudantes devem desenvolver/aperfeiçoar ao longo do processo de escolarização e profissionalização. Mas há também um envolvimento que vai além das tarefas de ensino e aprendizagem. Nos parece

inerente à atividade docente o engajamento em lutas do cotidiano que acabam sendo fundamentais para a vida das pessoas, ou, nos termos de Freire (2001), o sonho político da mudança social, da educação libertadora. Veiga-Neto nos auxilia nessa compreensão:

No caso dos Estudos Culturais, está sempre patente o engajamento. Mesmo em suas versões mais recentes e mais impregnadas com as concepções pós-estruturalistas que se despedem da continuidade e da teleologia da história, os Estudos Culturais são, ao mesmo tempo, um campo de conhecimentos e de militância (Veiga-Neto, 2000, p. 40).

O emaranhado teórico que nos embasa e nos impulsiona, em virtude mesmo de que essa é uma produção textual feita a quatro mãos, reúne diferentes vertentes teóricas, que nos constituem enquanto docente-pesquisadora e docente-pesquisador. Juntamente com Veiga-Neto, nos posicionamos a partir desse prisma teórico, evidenciando um ponto comum neste emaranhado: a educação como ação política. Por isso, nossa costura teórica, nossos olhares, envolvem outras/os autoras/es, outras linhas que vão articular aqui, de um modo ou de outro, conceitos que nos permitem ver a educação como um espaço político. Dessa forma, quando se fala em militância, estamos reafirmando nossa condição de trabalhadores/as da educação que militam em defesa dessa educação. Assim, ouvir as vozes dessas mulheres que estudam no curso de Técnico em Secretariado EJA-EPT, saber de suas vivências, desafios e dificuldades, é parte fundamental desse nosso engajamento na luta cotidiana por melhores condições de vida, de trabalho, de educação e de exercício da cidadania.

Dessa forma, essas experiências trouxeram oportunidade de aliar conhecimentos teóricos à prática profissional docente, consolidando um olhar mais crítico sobre os papéis sociais que as sociedades patriarcais, tradicionalmente, atribuem às mulheres; bem como, sobre a importância do feminismo e da sororidade para a construção de uma sociedade mais justa. Reafirmamos, com isso, que nossa prática docente, inevitavelmente, é marcada pelos preceitos da educação libertadora ou transformadora, nos moldes freireanos (Freire, 1981, 2001 e 2008). E, então, finalizamos nossas análises evidenciando a dimensão empoderadora do processo educativo vivenciado no Curso de Secretariado.

Empoderamento, uma das palavras da moda nos últimos anos, é mais um termo freireano a sustentar nossa práxis. Para Freire o empoderamento é uma atividade social (2001, p. 137), trata-se de

um processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que, criticamente, problematizamos a realidade, vamos nos

‘conscientizando’, descobrindo brechas e ideologias; tal conscientização nos dá ‘poder’ para transformar as relações sociais de dominação, poder esse que leva a liberdade e à libertação (Guareschi, 2017, p. 147).

Ao realizarmos esta escuta, promovemos um exercício de análise das próprias dificuldades. Ou seja, propiciamos que as próprias estudantes pudessem pensar sobre sua trajetória e retomar suas dificuldades, observando-as. Contudo, trata-se de uma observação crítica, capaz de compreender as possibilidades e impossibilidades que permeiam/permearam seus percursos, bem como sua persistência na educação escolarizada tardia. Ao fazê-lo, as estudantes também são instadas a manter firme em seus horizontes a ampliação de acesso a oportunidades no mundo do trabalho que a profissionalização na EPT pode viabilizar.

CONSIDRAÇÕES FINAIS: NOVOS CAMINHOS E POUCAS CERTEZAS

Buscamos, em todas as nossas produções sobre EJA-EPT, contribuir para o registro histórico e educacional da experiência docente com essa modalidade de ensino. Nesta terceira empreitada reflexiva desta dupla de docentes pesquisador/a, trazemos as questões de gênero para o centro de nossas discussões. Quando atentamos para o percurso de escolarização tardia de mulheres de classes sociais vulneráveis, nos defrontamos com as dificuldades que essas mulheres enfrentam para estudar e se qualificar para o mundo do trabalho. Assim, neste texto, redirecionamos o olhar e problematizamos as articulações imbricadas entre educação e gênero, abordando os papéis sociais que, tradicionalmente, as sociedades patriarcais atribuem a mulheres e homens e o quanto essas construções sociais dificultam o percurso de nossas alunas.

Com isso, evidenciamos que as relações de gênero são constitutivas das vidas destas estudantes não apenas nos espaços sociais que envolvem suas famílias e/ou trabalho. Precisamos levar em conta a dimensão na qual atuamos e somos parte integrante do processo: a escola e seus inúmeros espaços de educação. É fundamental reafirmar que os currículos, os corpos docentes, o universo micro-espacializado das salas de aula e as outras estruturas educacionais também estão imbricados pelas desigualdades de gênero e relações de poder. Nesse sentido, juntamente com Silva (1995), pontuamos a importância do currículo, nos permitindo pensar sobre identidades que são (re)produzidas e/ou fixadas nos contextos escolares e o quanto essa estrutura de escolarização atua em prol das relações hegemônicas que produzem as desigualdades tematizadas neste texto:

As narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, **corporificam noções particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização da sociedade,**

sobre os diferentes grupos sociais. Elas dizem **qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo**, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo e o que é errado [...] **quais vozes são autorizadas e quais não o são** (Silva, 1995, p. 195, grifos nossos).

A partir dessa lógica, os/as educadores/as e demais trabalhadores/as da educação, em sua atuação cotidiana, colaboram para a desconstrução e ressignificação das relações de desigualdade quando conduzem suas ações na direção da tomada de consciência (ou empoderamento, para usar o termo em sentido freireano). Portanto, inspirados pelas lições de Silva (1995) e Freire (1981, 2008, 2001), reafirmamos nossa certeza de que a docência exige conhecimento, estratégias educacionais, planejamento e uma boa dose de esperança. E mais: a docência, quando não orientada pelo combate da reprodução das desigualdades sociais e de gênero, é capaz de validar e autorizar vozes conservadoras e patriarcais. De igual modo, reiteramos nosso compromisso com um fazer docente crítico e reflexivo pautado no movimento constante entre o fazer e o pensar sobre o fazer pedagógico. Afora esses aspectos relacionados ao universo intramuros escolares, professoras e professores, que buscam dar um sentido mais amplo ao seu fazer docente, também direcionam seus olhares para a educação como um ato político. Isso porque, para além das salas de aula, atentamos, neste exercício reflexivo, para a complexa realidade histórico-social que impacta, de modo profundo, as vivências das estudantes. Entendemos que é a junção das vivências dos indivíduos com o tensionamento dos eixos aqui mobilizados que poderemos construir outras formas de compreensão dessas diferentes realidades profissionais e sociais.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Elaine; CORTELETTI, Roseli; ARAÚJO, Iara. Relações de trabalho e desigualdades de gênero na indústria têxtil e de confecções do nordeste. **Caderno CRH** (Online), Salvador-BA, v. 33, 2020, p. 1-20

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos**. Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio. Documento Base. Brasília, 2007.

FEDERICI, Sílvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. V. 1. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FUNCK, Susana Bornéo. Da Questão da Mulher à Questão do Gênero. In: Susana Bornéo Funck. (Org.). **Trocando Ideias: Sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis: EDEME, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 147-148.

HAAS, Fabrício Luis; SOUZA, Mariana Jantsch de. Desafios e possibilidades da Educação de Jovens e Adultos pós-pandemia: um olhar a partir da experiência na EJA-EPT no IFSul-câmpus Venâncio Aires. In **Anais IX Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e VIII Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM**. Dezembro de 2023, Online. Disponível em: <https://tupa.claec.org/index.php/ehm/9ehm>.

IFSUL. **Projeto Pedagógico de Curso** - Curso Técnico em Secretariado - forma integrada - modalidade EJA-EPT. 2024/1. Disponível em: <https://intranet.ifsul.edu.br/catalogo/curso/159>. Acesso em: 06 fev. 2024.

IFSUL. **Projeto Pedagógico de Curso** - Curso Técnico em Secretariado - forma integrada - modalidade EJA-EPT. 2013/1. Disponível em: <https://intranet.ifsul.edu.br/catalogo/curso/159>. Acesso em: 16 jun. 2023.

JUTEAU, Danielle. Etnicidade e nação. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 90-96.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, M. V; BUJES, Maria I. (Org.) **Caminhos investigativos III**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 101-106.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SILVA, Tomaz T. **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. 1. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOUZA, Mariana Jantsch de; HAAS, Fabrício Luis. Reflexões sobre Educação Profissional de Jovens e Adultos, pandemia e Ensino Remoto: considerações a partir da experiência pedagógica no IFSul, Câmpus Venâncio Aires. In MARTINS, Vinicius et al. (Orgs.) **IFSul no enfrentamento à Covid-19: projetos e ações realizados**. Pelotas, RS: Editora do IFSul, 2023 [recurso eletrônico].

SOUZA, Mariana Jantsch de; HAAS, Fabrício Luis. Reflexões sobre Educação Profissional de Jovens e Adultos, pandemia e ensino remoto: um relato da experiência pedagógica no IFSul, Câmpus Venâncio Aires. In **Anais VIII Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e VII Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM**. Dezembro de 2022, Online. Disponível em: <https://tupa.claec.org/index.php/ehm/9ehm>.

STRECK, Danilo R.; SANTOS, Karine. Educação de Jovens e Adultos: diálogos com a Pedagogia Social e Educação Popular. **EccoS Revista Científica**, n. 25, jan.-jun., 2011, pp. 19-37 Universidade Nove de Julho São Paulo, Brasil.

UNESCO. CONFINTEA V. **La educación de las personas adultas** - La Declaración de Hamburgo - La agenda para el futuro. Julio 1997. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114_spa. Acesso em: 13 set. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V. (Org.) **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.